 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Université de Liège) - Debatedor/a O Grupo de trabalho Antropo?ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

Um museu de imagens vivas: metáforas para uma etnografia poética e política

Autoria: Carolina Machado dos Santos

O Teatro do Oprimido é um sistema estético - amplamente difundido na América Latina ? que se utiliza do potencial das linguagens artísticas, concebidas como Palavra, Imagem e Ritmo, para apoiar indivíduos e suas comunidades a desmecanizarem seus próprios corpos e subjetividades, para que nos tornemos sujeitos ativos de nossas próprias vidas, compreeendendo melhor a realidade social para transformá-la. Como praticante do TdO há mais de 10 anos, participei da criação de um grupo de mulheres na minha cidade (Goiânia, Brasil) com o objetivo de criar intervenções principalmente contra a violência patriarcal, o sexismo e o racismo. Assim, em 2011, surgiu o Núcleo Ocupa Madalena, que atualmente é parte da Rede Madalena Internacional de Teatro das Oprimidas. No presente work narro algumas práticas de meu grupo de teatro das oprimidas a partir das perspectivas e experimentações etnográficas e auto-etnográficas. Parto da seguinte pergunta: faz sentido estudar a prática de um grupo de teatro que não a partir do teatro mesmo? Ou seja, que melhor maneira de refletir que não a partir de um processo estético desenvolvido para esse fim? O que emergiu, como metodologia de pesquisa e intervenção, de forma a construir uma das possíveis histórias do nosso grupo, foi a retomada de um exercício estético que chamamos de 'Museu de imagens vivas '. Desta forma nós, teatralmente, criamos um museu de memórias afetivas de nossas práticas que também serve como uma ferramenta metodológica de reflexão. Portanto, meu objetivo é apresentar a discussão sobre como o núcleo desenvolve sua práxis e como se correlaciona com teorias feministas e descolonial por um lado, e por outro lado, defender as formas estéticas como formas de produção de sentidos. Propor como, a partir da critica descolonial e propostas etnográficas outras, podemos incorporar o valor cognitivo da produção artística à produção de conhecimento situado e comprometido com as lutas dos oprimidos e oprimidas. A partir da narração desse ?museu de imagens vivas? busco delinear pelo menos três desses espaços, compreendidos

 ISBN: 978-85-87942-61-6

como projeto local, construção de redes e de conhecimento situado. Nesse esforço de traduzir as práticas do Teatro das Oprimidas como uma luta de mulheres do sul, delineei alguns mecanismos, estratégias e práticas através das quais podemos: a) defender uma dinâmica entre teoria e práxis que favoreça as experiências de grupos, coletivos e movimentos sociais feministas como possíveis lugares de enunciação; b) rejeitar hierarquias que desvalorizem ou secundarizem o papel das artes e de uma estética das oprimidas; c) contribuir para a construção de metodologias artísticas criativas que nos apoiem na construção de outras etnografias.

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**